

---

## Fé na rua, folia em movimento: contribuições dos estudos de mobilidade para a investigação da folia de reis na cidade

*Faith on the street, folia on the move: contributions of mobility studies to the investigation of folia de reis in the city*

**Guilherme Eugênio**

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3825>

DOI: [10.4000/pontourbe.3825](https://doi.org/10.4000/pontourbe.3825)

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Referência eletrónica**

Guilherme Eugênio, « Fé na rua, folia em movimento: contribuições dos estudos de mobilidade para a investigação da folia de reis na cidade », *Ponto Urbe* [Online], 22 | 2018, posto online no dia 15 agosto 2018, consultado o 21 junho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3825> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.3825>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 21 junho 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

---

# Fé na rua, folia em movimento: contribuições dos estudos de mobilidade para a investigação da folia de reis na cidade

*Faith on the street, folia on the move: contributions of mobility studies to the investigation of folia de reis in the city*

**Guilherme Eugênio**

---

## NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 18/04/2018

Aceitação / Accepted 23/06/2018

- 1 O presente trabalho é fragmento de um processo de pesquisa mais extenso sobre folias, que teve diversos desdobramentos. Meu interesse aqui foi investigar as experiências de mobilidade em uma folia de reis de Belo Horizonte/MG em suas trajetórias por espaços da cidade, de maneira a contribuir para a compreensão dessas celebrações religiosas que se desenrolam no espaço público. Durante janeiro de 2017, acompanhei a folia de dona Guidinha<sup>1</sup> nos preparativos, percursos e visitas em algumas casas e igrejas por bairros das regionais Noroeste e Centro-Sul da capital mineira. Cheguei em campo com o intuito de acompanhar a folia na posição de pesquisador-observador, mas ali fui convidado a participar como rei da folia e, de repente, me encontrei na posição de personagem-pesquisador. Essa mudança de lugar me abriu novas perspectivas, assim como provocou novos desafios, e discuto minhas experiências a partir desse lugar específico.
- 2 As folias são celebrações religiosas encontradas em todo o território brasileiro e muito expressivas no estado de Minas Gerais. No processo de inventário e registro das folias

de Minas como patrimônio cultural estadual, foram identificados mais de 1.200 grupos distribuídos por todo o território mineiro (IEPHA 2017). Consistem em grupos de fé católica que se estruturam em devoção a algum santo e se movimentam pelas residências de fiéis enunciando cantos, distribuindo bênçãos e recolhendo donativos. Percorrem distâncias mais ou menos longas, de casa em casa, nos lugares onde forem chamadas e atendendo a pedidos de promessa por um período delimitado de dias, conhecido como *giro*, *jornada*, *itinerário* ou *visita*.

- 3 Encontram-se folias de diversas devoções, mas na região metropolitana de Belo Horizonte/MG a mais expressiva é a devoção a Santos Reis (IEPHA 2017)<sup>2</sup>. As folias de reis se estruturam a partir da devoção aos reis magos, que, segundo a narrativa bíblica cristã, visitaram o Menino Jesus e lhe ofertaram presentes. Esses grupos são formados por cantadores e tocadores e podem contar também com a presença de personagens, como os reis e os palhaços. Os instrumentos predominantes são a caixa, a viola e o violão, mas em cada grupo diversos outros podem ser encontrados, como sanfona, pandeiro e triângulo. Geralmente, levam à frente uma bandeira ou estandarte, com a imagem dos Santos Reis, do Menino Jesus ou da Sagrada Família.
- 4 As folias de reis comumente saem nos meses de dezembro e janeiro, predominantemente entre 24 de dezembro, véspera de Natal, e 06 de janeiro, dia de Reis, mas podem se estender até 20 de janeiro, dia de São Sebastião. Essas datas, entretanto, são totalmente flexíveis e dependem da disponibilidade dos foliões, de seus combinados, do número e localização das visitas que farão, dentre outros motivos. Além disso, muitos grupos realizam visitas em diferentes épocas do ano para realizar o pagamento de promessa a algum devoto, sair em homenagem a outra devoção, ou participar dos encontros de folia.
- 5 Minhas experiências no universo das folias resultam de dois anos de atuação na Gerência de Patrimônio Imaterial do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/MG), onde participei do processo de inventário e registro das folias de Minas<sup>3</sup>, declaradas patrimônio cultural de Minas Gerais em janeiro de 2017. O reconhecimento das folias como patrimônio cultural estadual, para não dizer dos registros que vêm ocorrendo em âmbito municipal, demonstra a importância que essas celebrações têm alcançado nas agendas políticas, assim como implica em sua proteção jurídica pelas instituições patrimoniais e torna necessário o desenvolvimento de planos de salvaguarda e políticas públicas de promoção cultural. No momento em que as folias se tornam problema público (Gusfield 2014), portanto, mostra-se relevante o investimento em estudos que auxiliem na atualização das definições e entendimentos sobre essa celebração.
- 6 A escolha de investigar os *movimentos da folia na cidade* em suas diversas escalas deu-se pela insuficiência de estudos voltados para essa dimensão. Busquei entender quais estratégias, transformações e permanências que os grupos de folia vivem ao realizarem suas práticas nos espaços da cidade. O que fazer a folia na cidade implica para seus participantes? Os espaços urbanos acrescentam outras dimensões ao modo de celebrar? A partir de autores como Cresswell (2006, 2011), Jirón (2010) e Sheller e Urry (2006), inseridos no que tem sido chamado de virada da mobilidade, procurei compreender, dessa maneira, como os foliões em movimento atribuíam múltiplos significados a diferentes lugares em suas práticas. Desejava perceber como essas pessoas construam relações entre si, com outros agentes e com a materialidade das ruas e quais eram seus

desdobramentos na organização do grupo no espaço, em seus itinerários, caminhos e experiências.

- 7 O trabalho está dividido em cinco seções. Inicialmente, apresento os estudos sobre mobilidades desenvolvidos à luz desse novo paradigma para dizer sobre as possibilidades de interseção entre esses e os estudos sobre folias. Então, discuto os desafios e as soluções metodológicas trazidas pela situação de pesquisar a folia de dona Guidinha a partir da posição de rei mago, onde introduzo a noção de trabalho de campo estendido. Em seguida, parto de um relato sobre como era o caminhar nessa folia que acompanhei, buscando demonstrar quais relações os participantes estabeleciam com a infraestrutura urbana, e como ruas e calçadas informavam os ritmos e caminhos e eram também partes constituintes dos rituais da folia. Após, expando a escala para a análise dos lugares visitados pelo grupo em Belo Horizonte e tento apresentar como havia uma interdependência entre as redes de parentesco, vizinhança e amizade e as redes de mobilidade, o que conseqüentemente influenciava em sua abrangência espacial na cidade. Finalmente, aponto os potenciais dos estudos de mobilidade para uma compreensão alternativa da cidade e seus fenômenos, assim como das celebrações religiosas móveis.

## Os estudos de mobilidade e suas potencialidades para a investigação das folias

- 8 A mobilidade não é um assunto novo nas ciências sociais. Presente no cerne da experiência humana, os movimentos das pessoas e de suas produções foram incessantemente discutidos, não apenas na antropologia e na sociologia, como em outras áreas do conhecimento, a exemplo da geografia. A partir dos anos 1990, entretanto, autores se propuseram a encarar a mobilidade através de uma nova perspectiva e construir novas teorias e métodos para a análise da vida social<sup>4</sup>. Esse movimento, que ganhou força nos anos 2000, passou a ser conhecido como *novo paradigma das mobilidades* (Sheller; Urry 2006) ou *virada da mobilidade* (Cresswell 2011).
- 9 Segundo Sheller e Urry (2006), esse novo paradigma das mobilidades consiste em reconhecer que as relações sociais acontecem em movimento e que diferentes tipos de deslocamento no espaço-tempo estão relacionados a diferentes padrões de experiência social. Em outras palavras, o tempo gasto nos deslocamentos não é um tempo desperdiçado ou morto, mas, ao contrário, os momentos em que os indivíduos se encontram em movimento são preenchidos por práticas e interações, que potencialmente podem expandir ou restringir seus lugares pela cidade (Jirón 2010).
- 10 Nesse paradigma, mobilidade é o movimento socialmente produzido, ou seja, é o deslocamento contextualizado em suas práticas, estratégias, implicações e interações. Reconhecidas como experiência incorporada e refletida, as mobilidades possuem significados materiais e simbólicos para aqueles que as produzem. Como, onde, por que, quando e com quem pessoas, objetos e ideias se movimentam ou deixam de se movimentar podem informar muito a respeito das relações e das estruturas em que estão inseridos (Cresswell 2006).
- 11 As mobilidades, portanto, assumem um sentido muito abrangente e são consideradas em suas diversas escalas<sup>5</sup>, abrindo possibilidades de estudos nas mais diversas áreas do conhecimento. Incluem desde os movimentos corporais de andar, correr, dirigir,

- escalar, dançar até os movimentos de informação das tecnologias digitais, os fluxos de matéria-prima e bens de consumo no comércio internacional, os deslocamentos de carros, ônibus, aviões, animais, turistas, imigrantes e refugiados (Cresswell 2011).
- 12 Além disso, as mobilidades também implicam em infraestruturas imóveis por onde circulam esses fluxos de pessoas, coisas e informações. Sendo assim, ruas, vias de trânsito, rotas marítimas, linhas de montagem, assim como fronteiras, portões, salas de espera e outros momentos de pausa e imobilidade também são objetos de estudo nesse novo paradigma. Os autores destacam que o conceito de mobilidade, nessa perspectiva, é intrinsecamente político, uma vez que as possibilidades de movimento e o controle sobre essas possibilidades são distribuídos de maneiras desiguais entre os indivíduos. O aumento das mobilidades para uns pode implicar na restrição e na imobilidade de outros e estudar as mobilidades também é rastrear os discursos de poder que criam movimento e imobilidade (Adey 2006; Sheller; Urry 2006; Jirón 2010).
  - 13 Encarar o desafio das mobilidades é reconhecer, portanto, que os espaços-tempos estão conectados por redes, mais frágeis e efêmeras que sejam, questionando as noções clássicas de território, lugar, tempo e escala como conceitos estáticos e bem delimitados. Os indivíduos realizam mais de uma ação ao mesmo tempo conectados a vários espaços e pessoas diferentes e os eventos não necessariamente sucedem uns aos outros em uma ordem linear.
  - 14 Kauffmann (2014) foi um dos autores que defenderam a adoção desse novo conceito de mobilidade nas ciências sociais. A mobilidade poderia ser entendida como uma espécie de lente capaz de ler todas as relações sociais. Nesse sentido, tornar-se-ia fundamental definir sistematicamente esse conceito de maneira a utilizá-lo como ferramenta metodológica. O autor constrói o conceito de motilidade, que envolve todas as características que permitem ao ator ser móvel no espaço. Esse conceito abrange atributos físicos e subjetivos, variáveis socioeconômicas e os conhecimentos e estratégias de que dispõem os atores (Kauffmann 2014). As mobilidades, dessa forma, incorporam as condições sociais de acesso e as aptidões e habilidades individuais na produção do movimento e passam a se desdobrar, portanto, em dimensões materiais, econômicas, políticas e simbólicas<sup>6</sup>.
  - 15 Nos últimos anos, muito estudos de mobilidade foram realizados no campo das celebrações religiosas. Sua expressiva maioria, contudo, foca na transnacionalização dos movimentos religiosos e suas implicações para as mobilidades de crenças, identidades e comunidades, principalmente no contexto de migrações e peregrinações (como os trabalhos de Kitiarsa 2010; Levitt *et al.* 2011 e González *et al.* 2015). Ainda é incipiente, portanto, no escopo do novo paradigma das mobilidades, a produção de pesquisas voltadas para manifestações religiosas em escalas urbanas e locais.
  - 16 Ao mesmo tempo, o balanço da literatura acumulada a respeito das folias demonstra também uma produção pouco expressiva de trabalhos que investigam propriamente os movimentos nessas celebrações. A maioria dos estudos chama atenção às suas dimensões rituais e cosmológicas, bem como às relações de troca e reciprocidade envolvidas entre foliões, devotos, santos e familiares ou aos aspectos performáticos dos personagens, das máscaras e bandeiras. Cabe aqui apontar brevemente quatro autores que se destacam dessa tendência<sup>7</sup>.
  - 17 Em seus estudos clássicos com folias em Goiás, Minas Gerais e São Paulo, Brandão (1977; 1981) relata como os deslocamentos dos foliões eram codificados por narrativas e práticas que informavam as caminhadas ou cavalgadas dos participantes da folia. Bitter

(2008), por sua vez, ao investigar folias na cidade do Rio de Janeiro, apresenta o complexo sistema de dádivas que atravessa essa celebração a partir da circulação das bandeiras e das máscaras dos palhaços, bem como discute os trânsitos das folias por contextos folclóricos e patrimoniais e as estratégias de negociação adotadas por seus participantes. A circulação das bênçãos foi estudada por Chaves (2009; 2014), que discorre sobre o papel da bandeira como a presentificação do santo, assim como sobre as relações hierárquicas na folia e seus desdobramentos no cadenciamento de vozes e no ordenamento espacial dos integrantes do grupo durante uma visita. Finalmente, Pereira (2014) descreve o trânsito de devotos por diversas folias em Urucuia, no norte de Minas, apontando como as pessoas envolvidas na celebração estruturam sistemas que dão conta ao mesmo tempo das semelhanças e diferenças entre as festas, o que faz com que a folia seja ao mesmo tempo uma mesma coisa e coisas totalmente diferentes.

- 18 Todavia, mesmo esses autores apresentados acima, que reconhecem de uma maneira ou de outra os movimentos da celebração em seus estudos, não incorporam a mobilidade como dimensão central da análise e tratam desses movimentos e circulações com um interesse último em outros elementos. Entendendo as folias como celebrações intrinsecamente móveis, mostra-se interessante estudá-las a partir do novo paradigma das mobilidades, tomando seus movimentos como objeto de investigação em si e lançando mão de métodos que deem conta dessas mobilidades e de suas relações de significado. Acredito que a virada da mobilidade traz uma visão alternativa para entendermos as cidades e os fenômenos que nelas se desenvolvem, assim como chama a atenção para outras dinâmicas e interações da folia que atravessam diferentes pessoas, objetos, lugares e tempos na configuração de suas diversas escalas e redes.

## Trabalho de campo estendido: fazer *shadowing* sem ser sombra e colegas de pesquisa

- 19 A pesquisa em mobilidades deve investigar padrões, tempos e ritmos que se produzem no movimento. Para tal, é interessante que o pesquisador acompanhe esses momentos em copresença, observando os movimentos dos corpos, dos grupos, dos veículos e de outros agentes relevantes, assim como tenha em mente que a própria experiência da copresença em movimento é suficiente para produzir interações significativas (Sheller; Urry 2006).
- 20 Cheguei em campo com a intenção de praticar o método de *shadowing*, que consiste em acompanhar pessoas selecionadas em suas atividades diárias, como se o pesquisador fosse sua sombra. Empregado por Jirón (2011) para investigar as práticas cotidianas de mobilidade de habitantes de Santiago do Chile, decidi adaptar o método para o estudo da folia, já que pretendia acompanhar os foliões da maneira mais próxima que me fosse possível.
- 21 O *shadowing* permite que o pesquisador se aproxime daquilo que as pessoas investigadas experimentam, apreenda ao menos um pouco da complexidade dessas experiências e veja o que, como e por que fazem o que fazem. A copresença possibilita também conversar com essas pessoas sobre suas práticas à medida em que as realizam, incorporando à análise as múltiplas dimensões corporais, sensoriais e emocionais na construção dos significados da experiência (Jirón 2011).

- 22 A partir do momento em que me tornei rei, mostrou-se impossível ser a “sombra” em campo. Durante os trajetos, ia à frente do grupo e era desafiador observar o que se passava com as pessoas atrás de mim. Nas visitas, assumia uma posição específica junto ao presépio, o que também me proporcionava um campo de visão determinado. Sendo rei, não podia estar na sombra; no lugar, estava sob os holofotes, personagem central da folia.
- 23 Mesmo com essas limitações, tentei utilizar ao máximo de técnicas do *shadowing*. Nos momentos em que a formação do grupo era mais fluida, como nas ruas entre as casas ou nos preparativos para a saída/entrada, conversava com diferentes pessoas sobre as práticas que estivéssemos realizando, fazia questionamentos e apresentava minhas percepções. Após a visita, chegava em casa e organizava os acontecimentos da noite em minhas anotações, desenhava croquis e classificava as fotografias e vídeos registrados.
- 24 Minha posição como rei, porém, trouxe novas dimensões para minha análise. Afinal de contas, eu mesmo assumira a posição de um personagem que estava muito interessado em acompanhar e ser sombra. Dessa maneira, se eu estava impossibilitado de acompanhar a folia a partir de certos ângulos, também se abriam novas escalas. Como integrante da folia, passei a viver o processo de aprender a ser rei e experimentar das emoções de efetivamente participar da folia. O que falo sobre a folia de dona Guidinha e das relações entre seus agentes parte desse lugar de participação-observação muito específico e influenciou integralmente os modos como experimentei, registrei e analisei os eventos.
- 25 Para complementar minha visão sobre o que se passava na folia, pedi ajuda a *colegas de pesquisa*, que registraram fotos e vídeos e me transmitiram seus relatos sobre os acontecimentos. Essas contribuições foram fundamentais para a pesquisa. Pensando que os caminhos não eram apenas determinados pela infraestrutura e por planejamentos prévios, mas também por decisões situacionais informadas por sensações e percepções dos espaços durante o movimento (Spinney 2011), esses recursos audiovisuais permitiram capturar esses momentos que acontecem em microescalas. Além de contribuir para a recordação daquelas experiências posteriormente, esses materiais me permitiram acessar novos ângulos de observação, reavaliando os acontecimentos a partir de outras perspectivas assim como assistindo certas cenas pela primeira vez.
- 26 Defendo, pois, aqui uma noção de trabalho de campo estendido. Considero que o campo depende muito mais da conexão entre eventos e estranhamentos, que podem se dar em tempos e espaços distintos, do que de limites bem definidos de início e fim (Peirano 2014). Dessa maneira, a pesquisa é resultado tanto dos entrelaçamentos de todas as experiências vividas por mim no âmbito do processo de patrimonialização das folias de Minas, que extrapolam o momento de campo mais intensivo com a folia de dona Guidinha, como também das trocas mediadas com meus colegas de pesquisa, que contribuíram para uma compreensão mais abrangente dessa celebração tão móvel.
- 27 Vale destacar que o presente trabalho apresenta limitações. Reconheço que minha posição na folia abriu certas portas, mas fechou outras e dependi em parte de materiais produzidos a partir de outros olhares. Na impossibilidade de fazer registros em tempo real, também não pude captar as falas das pessoas de maneira a poder trazê-las para dentro do texto. Além disso, o alto volume de material coletado tornou a análise custosa e uma parte desses dados ainda não foi analisada. O método de *shadowing* também prevê o retorno às pessoas que o pesquisador acompanhou para lhes apresentar fotos, mapas

e outros registros de maneira a incentivá-las a falar novamente sobre suas experiências em entrevistas mais estruturadas (Jirón 2011). Essa etapa da pesquisa ainda não foi realizada e figura como um dos próximos passos a serem dados.

## Conversas, preparativos e calçadas: atravessando as ruas

- 28 Na primeira noite, após os últimos acertos e combinados, preparamo-nos para a saída na casa de Cacá, mestra do grupo. Visitaríamos a casa de dona Inês, senhora que tinha a função especial de carregar a bandeira. Sua casa ficava a duas ruas acima e, portanto, percorreríamos o caminho a pé. A folia era formada por participantes mais ou menos fixos e outros mais esporádicos que somavam entre quinze e vinte pessoas aproximadamente a depender das disponibilidades e interesses em cada noite. A maior parte dessas pessoas eram adultos com mais de quarenta anos e idosos; também havia crianças e jovens, filhos e netos dos mais velhos.
- 29 Assumida a formação do grupo no quintal em frente à casa, todos começaram a entoar uma canção. Cacá esperava em seu portão que todos passassem e pedia que nos mantivéssemos na calçada. A calçada era estreita, mas andávamos por ali, ouvindo sempre gritos de alerta para que não descêssemos para a rua. Mesmo que nenhum veículo passasse naquele momento, seguíamos apertados entre os muros das casas e os carros estacionados. A caminhada acontecia a passos lentos, no ritmo da música solene.
- 30 Quando todos já haviam atravessado o portão e Cacá pôde voltar à frente do grupo e vigiar o movimento de todos, a mestra permitiu que nos movêssemos para o meio da rua e, rapidamente, depois de mais alguns versos, o canto parou. A partir desse momento, as pessoas passaram a andar por onde achavam melhor, algumas nos passeios e outras nas ruas. As calçadas desse trecho do bairro eram irregulares, estreitas e descontínuas e a rua variava entre trechos de asfalto e outros em pedras. A rua terminava com uma leve inclinação e não exigia um esforço físico visível das crianças e adultos, mas alguns idosos iam aparentando ligeiros sinais de cansaço.
- 31 Além disso, o desnível era suficiente para exigir degraus e rampas nas calçadas, o que acabava desacelerando os passos das crianças mais novas e das pessoas mais velhas. Inês carregava a bandeira e deveria seguir à frente, mas com uma idade mais avançada, foi sendo ultrapassada por jovens e adultos. As pessoas iam conversando sobre assuntos diversos, fazendo brincadeiras e caminhando com passos mais acelerados. Dessa maneira, a formação do grupo ia se desfazendo aos poucos, algumas pessoas andavam mais lentamente e outras seguiam em ritmos mais rápidos, segundo suas possibilidades de mobilidade.
- 32 Chegando à esquina, Cacá pediu novamente que todos subissem para a calçada por motivos de segurança. Mário foi à frente e ficou no meio da rua, olhando para trás e se certificando de que não vinha nenhum veículo, até que todos dobrassem a esquina. As pessoas que iam mais à frente alertavam sobre a presença de buracos e falhas para aqueles que vinham atrás. Os postes de iluminação pública eram esparsos, mal clareavam o caminho e produziam muitas sombras, também contribuindo para a lentidão da caminhada.
- 33 Na hora de atravessar a rua, novos pedidos de atenção; Mário observava se não vinha nenhum veículo, enquanto Cacá nos apressava para que atravessássemos rapidamente,

principalmente as pessoas mais velhas e as crianças. Dona Inês brincou que Cacá era a *fiscal* para vigiar que todos seguissem com segurança. Um motoqueiro veio daquela rua, mas desviou pela rua perpendicular ao notar o grupo que atravessava. A calçada do quarteirão seguinte era lindeira aos fundos de um grande shopping de automóveis. Havia sido recentemente reformada e, portanto, era mais regular e contínua, com rampas e trechos com piso tátil.

- 34 Naquele trecho, o ritmo da caminhada acelerou um pouco e as pessoas que ficaram para trás conseguiram alcançar o restante do grupo. Durante todo o caminho, as pessoas conversavam sobre assuntos diversos e se atualizavam sobre as vidas umas das outras. Um assunto constante era a própria mobilidade: percebi que as pessoas discutiam sobre como tinham chegado até ali, aquelas sem carro tentavam arranjar caronas para ir embora, e planejavam também seus trajetos para as noites seguintes.
- 35 Chegando na esquina da rua da casa de Inês, paramos todos e Cacá pediu silêncio e concentração. O grupo retornou àquela mesma formação da saída de sua casa. Preparada para a visita, a folia foi subindo pelo meio da rua e voltou a entoar o mesmo canto que havia cantado anteriormente. Naquele momento, o ritmo da caminhada voltou a acompanhar os toques lentos e solenes da canção. A rua da casa de Irene tinha uma inclinação um pouco maior e também era descontínua, com trechos em asfalto e outros em pedras, além de pouco iluminada. Aproximando da casa, pessoas começaram a sair no portão e vir ao nosso encontro para tirar fotos, filmar e beijar a bandeira, e essas interações também contribuía para a lentidão do movimento. Inês ia levando a bandeira e caminhando devagar, com muito cuidado, e todos seguíamos atrás informados por seu ritmo.
- 36 Percebi, então, que aquele não era um canto de *saída*, mas sim um canto de *entrada*. Ele seria cantado em todas as noites seguintes quando entrávamos nas casas e igrejas para as visitas. Anteriormente, na passagem do portão de Cacá, portanto, ele anunciara não a saída de sua casa, mas sim *a entrada para a rua*; estava, pois, aberto o espaço-tempo da folia. Entendi que a folia já começava na rua e o percurso até a casa de Inês de certa forma fazia parte do momento ritual. Entramos na casa e a primeira visita começou. Todo o percurso, incluindo a formação para sair da casa de Cacá, a caminhada, de aproximadamente 230 metros, e a entrada na casa de Inês, durou entre trinta e quarenta minutos.
- 37 Nesses deslocamentos, percebi como a infraestrutura inicialmente definia os trajetos possíveis para os foliões. Cacá guiava o movimento do grupo segundo os caminhos que as ruas e calçadas prescreviam. Ao mesmo tempo, porém, essa mesma infraestrutura abria potencialidades para diferentes usos do espaço. As relações entre limitações e possibilidades de negociação dos lugares foram tratadas por muitos autores. Em seu estudo comparado das cidades de Londres e Paris do século XIX, Conlin (2015) discute como a presença ou ausência de elementos da infraestrutura e do mobiliário urbano, como calçadas, vitrines, placas de sinalização e numeração dos edifícios, contribuía para a definição das maneiras como seus habitantes se relacionavam com a cidade<sup>8</sup>.
- 38 Sobre as práticas cotidianas dos caminhantes, Certeau (1998) nos convida a encarar o ato de caminhar como espaços de enunciações pedestres. Nessa analogia, não apenas nossos passos informam sobre uma gramática que rege o conjunto de possibilidades colocadas pelo ordenamento do espaço, como também selecionam e atualizam os caminhos percorridos, produzindo semânticas que surgem e desaparecem em cada situação.

- 39 Se, por um lado, inicialmente espremiámo-nos pelas calçadas e atravessávamos rapidamente as ruas, muitos participantes acabaram caminhando pela própria rua à medida que andávamos. Nesses percursos, não havia muitas possibilidades de manter a formação do grupo, o que concedia momentos de descontração e sociabilidade entre a casa de Cacá e o lugar a ser visitado. Na linha de Certeau (1998), portanto, percebemos como a caminhada produz as experiências de cidade para seus caminhantes assim como carrega potenciais de transformar os arranjos espaciais, à medida em que seguimos trajetos prescritos ou inventamos novos, atualizando na prática seus enunciados.
- 40 Jirón (2010) chama atenção para o fato de que os indivíduos vivenciam diferentes experiências de cidade através de suas práticas em movimento segundo uma série de atributos, dentre eles idade, condições físicas e habilidades pessoais. Além disso, as pessoas gerenciam movimentos, tempos e caminhos nas definições de suas trajetórias a partir do que as estruturas lhes apresentam e da avaliação situacional de suas possibilidades. Na microescala das ruas e calçadas, os foliões tomavam diferentes decisões em relação às rotas a seguir, a partir da observação das irregularidades, inclinações e desníveis. Esses processos produziam uma alternância de ritmos entre pessoas mais jovens e mais velhas, que tinham diferentes possibilidades de mobilidade, assim como entre os lugares mais contínuos e outros mais acidentados, e o conjunto dessas experiências era o que definia os ritmos da folia.
- 41 As interações com outros agentes nas ruas, ao contrário do que eu imaginava, foram poucas. Além de veículos que passavam pela folia esporadicamente e poucos familiares que acompanhavam para tirar fotos, não encontramos pedestres nas ruas e nenhum vizinho veio à janela ou à rua para ver o que se passava. Em uma noite da primeira semana de janeiro, as ruas do bairro por onde passamos estavam desertas. Chamava-me a atenção, portanto, a frequência com que Cacá pedia que acelerássemos o passo e não falássemos alto para que não incomodássemos os vizinhos.
- 42 Silva (1996) investigou os usos que candomblecistas fazem dos espaços públicos na cidade de São Paulo e em seu estudo demonstrou, entre outros aspectos, como aquelas pessoas mobilizavam estratégias de apropriação daqueles espaços no diálogo e disputa com agentes que lhes atribuíam outros usos, fosse procurando esquinas desertas para deixar uma oferenda ou organizando-se politicamente para reivindicar a legitimidade de suas práticas. Salvo todas as diferenças que existem entre as dinâmicas que circulam no candomblé e no catolicismo popular, o autor nos convida a pensar na relação entre religião e espaço público e como esses agentes de fé colocam novos sentidos para a cidade a partir de suas práticas devocionais, assim como nas necessidades que a potencialidade do encontro com usos diferentes lhes coloca.
- 43 Mesmo ausentes, aqueles outros agentes estavam presentes no controle de Cacá sobre os ritmos da caminhada. A importância da potencialidade do encontro e seus impactos nas preocupações e decisões da mestra da folia fazem sentido quando pensamos nas definições de espaço/espacialidade propostas por Massey e Keynes (2004). Precisamos entender os espaços como produtos de inter-relações onde está colocada a possibilidade de existência da multiplicidade, ou seja, onde sempre podem coexistir distintas vozes e trajetórias cujos encontros, por sua vez, são o que produzem os espaços. O espaço, portanto, é a esfera do encontro, seja potencial ou que se atualiza na prática, e, portanto, sempre há novas interações que podem entrar em cena; é processo de devir, sempre aberto, em incessantes construções.

- 44 Nas outras casas que visitamos, como chegamos em carros, as relações com as ruas e calçadas eram mais curtas. Mesmo assim, eram espaços utilizados para os reis vestirem suas roupas, para os tocadores afinarem seus instrumentos e ensaiarem uma última vez, e finalmente para concentrarmos na formação de entrada e dar início ao canto no portão das casas. Nas simultâneas e sucessivas interações, esses espaços iam sendo atualizados à medida que os participantes da folia passavam, assim como se produziam sempre novos espaços (Massey; Keynes 2004).
- 45 A rua mantinha, portanto, essa posição complementar, sendo ao mesmo tempo um espaço que já fazia parte do espaço-tempo da folia, abençoado por aquele canto de entrada na primeira noite; e uma espécie de bastidores, onde o grupo se organizava para a visita, mas que também permitia momentos onde se atualizavam os vínculos entre os foliões, nas conversas sobre assuntos cotidianos e brincadeiras. As ruas eram como interstícios dos momentos rituais da folia, e, por isso mesmo, tão constitutivas do ritual quanto as visitas.

## A folia anda pela cidade: itinerários, lugares e caronas

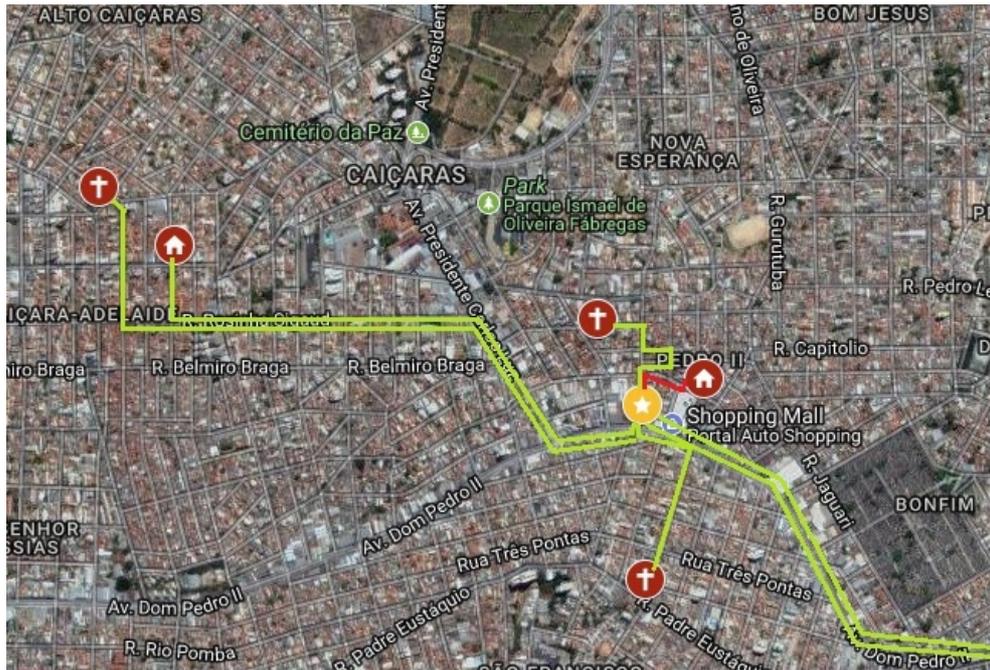
- 46 Dona Guidinha, falecida mãe de Cacá, foi quem trouxe a folia de Pirapora para Belo Horizonte. Já na capital, saudosa das tradições do norte de Minas, a senhora reuniu um grupo de mulheres e fundou a folia, no bairro Santo André, onde hoje ainda moram muitos membros do grupo. O bairro Santo André está localizado na regional Noroeste de Belo Horizonte e configura-se como uma das regiões de ocupação mais antiga da capital para além da Avenida do Contorno, limite da cidade planejada. O bairro é de uso predominantemente residencial com casas unifamiliares, mas também conta com comércios e serviços locais. Localizado às margens da Avenida Pedro II, importante via de conexão entre o centro da cidade e a região da Pampulha, e também próximo a outras vias como o Anel Rodoviário e a Avenida Presidente Carlos Luz, o bairro possibilita fácil acesso desde muitas regiões da cidade.
- 47 Com uma ocupação já bem estabelecida desde a década de 1920, a região foi inicialmente povoada por operários e imigrantes vindos do interior de Minas além de outros estados. O bairro concentra grande número de domicílios e tem uma expressiva densidade demográfica, habitado por famílias que moram ali há muitas gerações, além de apresentar uma intensa atividade de festas populares, como blocos de carnaval, festas juninas e reinados (APCBH 2008).
- 48 No entendimento daquelas mulheres e suas famílias, a folia era uma celebração tradicional e exclusivamente masculina. Às mulheres, eram reservadas as funções de preparar e oferecer a comida quando a folia visitava sua casa. A decisão de Guidinha de fundar ela mesma uma folia em Belo Horizonte, portanto, foi considerada um evento de muita coragem e pioneirismo, nas palavras de dona Inês. Por muito tempo, a folia foi realizada apenas por aquelas mulheres, que desempenhavam todas as funções, inclusive de reis magos (eram as *reias*) e foi apenas mais recentemente que os homens começaram a participar; seus maridos, filhos e netos.
- 49 Até hoje vemos a centralidade das mulheres na continuidade da folia. De sua mãe, Cacá recebeu a função de mestra da folia e ela centraliza em sua biografia, casa e família as origens e tradições da celebração. Dona Inês, que hoje carrega a bandeira, foi uma das primeiras mulheres a entrar para o grupo e, desde o início, portanto, as duas famílias

estiveram unidas pela folia. Os laços de afinidade e vizinhança estabelecidos entre as famílias estenderam as funções rituais para Inês e sua filha, mulheres que ajudam Cacá na coordenação do grupo, no arranjo das visitas, entre outras funções. Se o parentesco afirma a posição de autoridade de Cacá na folia, a amizade expande essas funções para a família de Inês.

- 50 Rezende (2002) nos convida a reconhecer a riqueza de se estudar as relações de amizade. Tema ainda relativamente pouco explorado na antropologia, a autora defende o deslocamento da amizade de uma esfera exclusivamente privada e pessoal para seu entendimento como uma relação que (re)produz conjuntos de práticas, noções e valores compartilhados pelas coletividades. Dessa maneira, ao investigarmos as maneiras como amizades são construídas, escolhidas, mantidas ou apagadas, poderíamos nos aproximar das relações de gênero, raça, geração e classe que são privilegiadas ou recusadas nas definições das dinâmicas da vida social (Rezende 2002).
- 51 Na folia de dona Guidinha, o fato das famílias de Cacá e Inês viverem não apenas no mesmo bairro como em ruas vizinhas durante todas essas décadas de certa forma contribuiu para a manutenção e atualização desses laços e, conseqüentemente, para a permanência da folia ao longo do tempo. A residência, entretanto, não foi o único fator na continuidade desses vínculos e podemos perceber o papel da amizade nesse processo. Pelos relatos de dona Inês, as relações de amizade entre essas duas mulheres estiveram muito pautadas na filiação religiosa. O compartilhamento de práticas e valores como a identificação mútua pela devoção aos Santos Reis e a importância que ambas depositavam no compromisso de evangelização da folia permitiram o estabelecimento e fortalecimento desses laços.
- 52 Com o passar do tempo, essas relações se estenderam às próximas gerações e configuraram redes de parentesco e amizade que unem as duas famílias de muitas maneiras. A maioria dos participantes que compõe hoje o grupo são parentes das filhas de Guidinha e Inês, seus filhos e netos, mas também parentes colaterais e afins. Aqueles que não são parentes, são vizinhos ou ex-vizinhos que chegaram à folia pela devoção e também construíram amizades a partir do reconhecimento da fé comum.
- 53 Essa experiência demonstra como relações de vizinhança, parentesco e amizade são constitutivas da experiência cotidiana urbana dessas pessoas. A cidade traz sim novas dimensões para a folia a partir de suas formas específicas de organização do espaço, como, por exemplo, a apropriação de ruas e calçadas, o cuidado com a segurança dos participantes nas travessias, o planejamento de caminhos que considera o possível encontro com outros agentes, entre outras. Ao mesmo tempo, entretanto, como Velho e Machado (1977) já apontavam, as fronteiras entre um urbano individualista e um rural comunitário são borradas e vemos tanto permanências de um lado como transformações de outro<sup>9</sup>. As relações na cidade não se tornaram intrinsecamente menos pessoais nem o efeito *blasé* de Simmel (2005) tornou-se necessariamente o cerne da experiência humana na metrópole.
- 54 Os espaços visitados pela folia eram casas e igrejas do próprio bairro ou pertenciam a parentes e amigos que moravam nas proximidades e hoje vivem em bairros vizinhos. A maioria das visitas foi realizada em um raio não maior que 2,5 km da casa de Cacá. Foram apenas duas visitas em lugares mais distantes. Uma delas foi na Praça da Liberdade, na ocasião extraordinária do encontro de folias promovido pelo IEPHA/MG, no dia do registro das folias como patrimônio cultural do estado. A outra na casa de Iraci, no bairro São Bento, senhora de família muito devota que recebe a folia já há

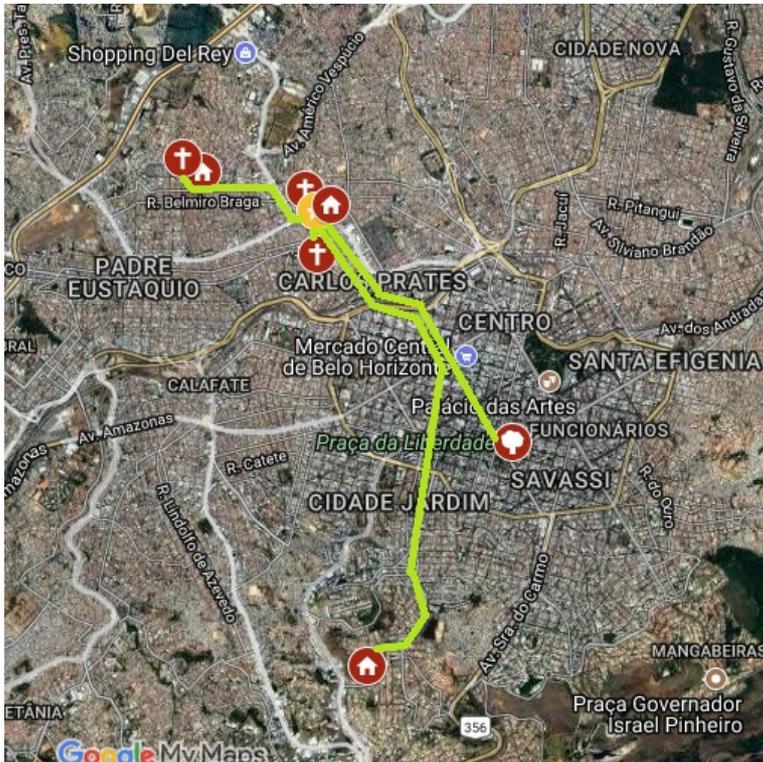
muitos anos e conheceu o grupo certa vez em uma participação em um evento organizado pela Prefeitura de Belo Horizonte. Hoje, mesmo em um bairro mais distante, a casa de Iraci já é parte fixa do itinerário da folia, e percebemos como esses laços de amizade e devoção atravessam a cidade. As figuras abaixo (FIGS. 01 e 02) ilustram a localização das visitas realizadas na cidade de Belo Horizonte.

FIGURA 01 – Trajetos e lugares visitados pela folia no bairro Santo André e arredores



Casa de Cacá representada pela estrela laranja. Em vermelho, caminho percorrido a pé até a casa de Iraci. Em verde, demais trajetos percorridos em carros. No bairro vizinho, 2,0 km percorridos até a casa de Felícia e 2,3 km até a Igreja N. S. da Esperança. Fonte: Google My Maps (elaboração própria).

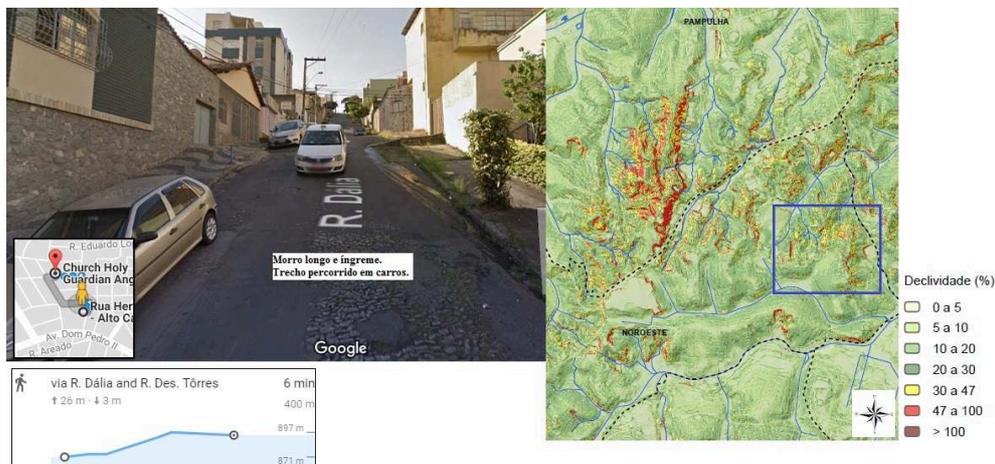
FIGURA 02 – Trajetos e lugares visitados pela folia na cidade de Belo Horizonte/MG



Em verde, trajetos percorridos em carros. Notamos a concentração de lugares próximos à casa de Cacá e apenas dois lugares mais distantes: a Praça da Liberdade (4,6 km) e a casa de Iraci, no bairro São Bento (7,5 km). Fonte: Google My Maps (elaboração própria).

- 55 Apenas na primeira noite até a casa de Inês nos deslocamos a pé, pois o trajeto era mais curto e a declividade era menos acentuada. Nas noites seguintes, realizamos todas as visitas em carros. Os momentos de mobilidade colocam para as pessoas diferentes possibilidades de alargamento ou restrição de seus lugares (Jirón 2010). Os lugares a serem visitados, por mais que fossem mais ou menos próximos da casa de Cacá, eram separados por largas vias de trânsito que ofereciam riscos à segurança ou por declividades muito acentuadas que exigiriam um esforço físico significativo. Dessa maneira, distâncias potencialmente curtas alongavam-se e restringiam as possibilidades de mobilidade do grupo, composto em sua maioria por idosos e crianças. O uso de veículos motorizados, no entanto, era mobilizado para alargar as experiências de mobilidade (Jirón; Iturra, 2011) e permitir a visita àqueles lugares fisicamente tão próximos, mas que a pé seriam infinitamente distantes, contribuindo também para a expansão das redes da folia para além dos padrões de vizinhança imediata. A figura abaixo (FIG. 03) apresenta a declividade da região do bairro e um trecho de morro percorrido em carros entre a casa de Cacá e a Igreja Santos Anjos.

FIGURA 03 – Declividade de trecho percorrido no bairro Santo André



À esquerda, trecho com aclive acentuado percorrido pela folia em carro. A distância total a ser percorrida a pé é de apenas 400 metros, mas exige uma subida de 26 metros. Os carros eram utilizados para vencer essas barreiras físicas. À direita, recorte de mapa da declividade de Belo Horizonte. Em azul, destaque para a região do bairro Santo André onde notamos a presença de declividades que variam entre 30 e 100%. Fontes: Google Street View/PBH, 2017 (elaboração própria).

- 56 Além dos laços de parentesco, amizade e vizinhança que informam os lugares a serem visitados e os itinerários pela cidade, laços de reciprocidade criam outras obrigações entre folias. No sábado, 7 de janeiro, a visita aconteceu na própria casa de Cacá e a folia de dona Guidinha preparou um almoço para receber outros dois grupos de folia, um do bairro Serra e outro da cidade de Ibirité (MG), além do padre Gustavo, pároco da igreja que seria visitada no domingo. Essas folias foram convidadas para o almoço de sábado, pois em ocasiões anteriores, haviam convidado a folia de dona Guidinha para eventos semelhantes. Da mesma maneira, naquela semana outras duas folias pagaram visitas na casa de Cacá, uma inclusive de madrugada; a mestra chegou a comentar comigo que tentaria incluir essas folias no itinerário do ano seguinte para retribuir aquelas visitas.
- 57 Os grupos de folia estabelecem vínculos de troca e reciprocidade entre si ao fazerem visita uns aos outros (Bonesso 2006). Aceitar o convite de uma folia para participar de seu evento coloca a obrigação para a folia convidada de retribuir o convite em um evento futuro, assim como se espera a presença daquele grupo anfitrião, agora na posição de convidado. Dessa maneira, os itinerários vão sendo definidos ao longo do ano e as folias expandem suas possibilidades de acesso a diferentes espaços da cidade. Pude perceber isso expressivamente nos encontros de folia onde participei; eram momentos de encontro para foliões de localidades distintas, onde podiam atualizar seus laços de sociabilidade, fazer convites e cobrar visitas uns dos outros.
- 58 Nesse sentido, reitero a crítica de Gans (2002) a respeito dos estudos de efeito de vizinhança ou identidades de bairro, à medida em que circunscrevem os fenômenos sociais a trechos delimitados da cidade como se aquele espaço *per se* definisse a vida daqueles que o habitam. O autor nos convida, ao contrário, a perceber os usos que as pessoas fazem do e no espaço. A partir dessa perspectiva, podemos perceber que a simples residência próxima daqueles foliões não constituiria elemento suficiente para a manutenção de seus vínculos, mas sim foi a própria folia que produziu e manteve aqueles laços através do compartilhamento de valores e noções que passavam também por um certo uso dos espaços dos bairros.

- 59 Nesses processos também, as redes da folia se estenderam para além dos padrões de vizinhança imediata, conectando foliões, devotos, lugares e atividades por diferentes espaços da cidade. Dessa maneira, o que encontrei não foi nem um pedaço, mas também nem uma mancha (Magnani 2002)<sup>10</sup>, pois a folia conectava pessoas conhecidas, mas que vinham de espaços distintos, não circunscritos a um mesmo lugar. Nos seus trajetos, portanto, a folia ia produzindo seus próprios espaços, através da união de seus participantes para aquele uso comum.
- 60 Percebemos, dessa maneira, como se consolidam redes de parentesco e vizinhança entre os participantes da folia, assim como laços de reciprocidade com outras folias, e como a amizade tem papel fundamental na conservação e atualização desses vínculos e consequentemente no processo de continuidade da celebração ao longo dos anos. Notamos também uma interdependência entre essas redes e a definição das redes de mobilidade da folia por lugares da cidade. A folia visita espaços familiares e tem seus itinerários definidos pelos vínculos domésticos entre foliões e entre foliões e devotos. Por sua vez, notamos a capacidade de manutenção desses laços mesmo quando essas pessoas mudam para mais longe e a vizinhança deixa de ser um elemento conservador das relações. Nesse momento, percebemos como as visitas da folia são oportunidades de atualização e continuidade desses vínculos de amizade ao longo do tempo e, portanto, como as redes de mobilidade e seus dispositivos, como os automóveis, contribuem na extensão dessas relações pelos espaços da cidade.

## Provocações on the move

- 61 Propor-se a estudar a cidade requer cuidados metodológicos, conceituais e analíticos. Harvey (1980) acreditava que ainda não tínhamos ferramentas adequadas para enfrentarmos os problemas colocados pela interseção entre os estudos sociais e os estudos espaciais. Segundo o autor, as interações entre espaço e sociedade são muito complexas e comumente as pesquisas deslizavam de um lado para o outro sem dar conta da simultaneidade e interconexões entre essas dimensões. Certeau (1998) também alertou para a impossibilidade de dar conta dos fluxos da vida que são incessantemente atualizados na caminhada a partir da representação em traçados gráficos, pois ao pararmos para dar legibilidade àquelas práticas estaríamos deixando escapar aquilo que é uma “maneira de estar no mundo” (Certeau 1998:176).
- 62 Magnani (2002), no entanto, traz a etnografia como uma possibilidade de captar as dinâmicas da cidade nos arranjos produzidos por seus atores, a partir de um olhar que seria de perto e de dentro. Esse olhar reconheceria que as pessoas se apropriam dos espaços da cidade a partir de múltiplas maneiras e em suas práticas borram as fronteiras e definem os usos situacionalmente. Como diriam Massey e Keynes (2004), as possibilidades seguem sempre em aberto.
- 63 Em seu balanço sobre a formação e transformações da antropologia urbana, Cordeiro (2003) demonstra como a disciplina constituiu-se e segue sendo um campo marcado por disputas entre diferentes perspectivas e opiniões sobre como estudar a cidade. Para a autora, um dos maiores desafios que se colocam é dar conta dos fenômenos que acontecem na cidade sem tomá-la como palco inerte ou simples pano de fundo de eventos que se desdobram sobre ela, e nem assumir os elementos observados como unidades autônomas circunscritas a determinados trechos da cidade, ignorando suas conexões com outros lugares, pessoas e atividades.

- 64 Os espaços urbanos expõem a folia a uma série de outros elementos e agentes que atualizam esse fenômeno com suas posições e compreensões do que é essa celebração. Analisando a folia como um fenômeno urbano, podemos identificar e compreender interações que se estabelecem entre todos esses agentes em relação, assim como os papéis das dinâmicas espaço-temporais da cidade em sua configuração. Encontramos movimentos em múltiplas escalas: entre os corpos e a malha urbana, existem ruas, calçadas, carros, caronas, personagens, casas, conhecimentos, músicas, amizades, parentescos, tradições e gerações. Todos esses elementos se interpenetram uns nos outros, definindo itinerários, caminhos, visitas e as relações dos foliões entre si, desses com outros agentes e também com a materialidade das ruas.
- 65 Esse conjunto dinâmico de interações resultante das diferentes mobilidades é o que produz aquilo que experimentamos como folia. A folia, portanto, é mais que apenas um grupo de cantadores e tocadores, é uma rede que conecta todas aquelas pessoas, objetos, lugares, tempos e movimentos. Nesse sentido, os estudos sobre as mobilidades trazem novas dimensões para a compreensão do espaço-tempo que configura a folia de reis na cidade, assim como novas perspectivas para o entendimento da própria cidade.
- 66 Acredito que esses estudos lançam um olhar alternativo sobre a cidade e seus fenômenos ao convidar o pesquisador a reconhecer a simultaneidade e interconexão entre as diferentes pessoas, ideias, práticas e objetos na configuração de redes que produzem ritmos alternados no espaço-tempo (Jirón, 2010; Jirón; Iturra, 2011). Trazer as mobilidades para o centro da experiência humana e admitir que as pessoas criam significado nas práticas que realizam enquanto estão em movimento permite entender a configuração das celebrações religiosas como redes fluidas, mais ou menos efêmeras e que se atualizam incessantemente na prática de seus agentes.
- 67 Dessa maneira, podemos abordar esses fenômenos de maneiras mais próximas àquelas como são vividos por seus praticantes, entendendo suas práticas através das conexões que estabelecem uns com os outros, mas também com outros agentes, com o espaço físico, com suas idades, habilidades e intenções. Podemos entender como o tempo e o espaço rituais se estendem para muito além das visitas, cortejos, procissões e datas festivas, mobilizando pessoas, lugares e vínculos de parentesco, amizade e reciprocidade por toda a cidade e durante todo o ano.
- 68 Através da experimentação das mobilidades na folia de dona Guidinha, entendi que folia era mais que o momento ritual da visita no período do Natal, envolvendo ruas, calçadas, carros, ônibus, corpos, idades, biografias, parentescos, amizades, conhecimentos que se estendiam por muitos outros espaços de Belo Horizonte e se prolongavam por todo o calendário. Nesse sentido, estudar as experiências de movimento nas cidades permite realizar mediações entre múltiplas escalas de observação, conectando microeventos da observação com macroestruturas que compõem esses espaços densos e heterogêneos que produzem as cidades.
- 69 Do outro lado, as experiências de mobilidade dessas celebrações religiosas também trazem novos elementos para a compreensão de quem são os indivíduos que habitam as cidades. Na virada da mobilidade, autores se propuseram a trazer o indivíduo para o centro das tomadas de decisão no planejamento urbano e reconhecer seus interesses e significados na produção do espaço público. Esses estudos permitem desdobrar a imagem típica e homogênea do indivíduo-cidadão das políticas públicas e elucidar que diferentes pessoas possuem diferentes possibilidades de acesso e uso da cidade. Na vivência de suas celebrações nas ruas, calçadas, praças e equipamentos da cidade, os

indivíduos são foliões, congadeiros, romeiros, festeiros, devotos, e nesses momentos apresentam práticas específicas e reivindicam agendas e usos da cidade que lhes são próprios.

- 70 A folia que acompanhei geralmente percorreu distâncias relativamente curtas em pedaços de bairro pouco movimentados e misturou-se ao fluxo de automóveis ao utilizar de carros em seus trajetos pela cidade de Belo Horizonte. Mas, e se pensarmos em outra celebração como o Círio de Nazaré, que acontece há mais de 200 anos, atualmente reúne cerca de 2 milhões de pessoas nas ruas de Belém do Pará, dentre moradores locais, romeiros, peregrinos, devotos e turistas e mobiliza procissões quilométricas de barcos, motocicletas, carros, bicicletas e caminhantes? Parece difícil ignorar os impactos dessa celebração móvel nas dinâmicas da cidade, em seu calendário, nos fluxos e ritmos de seus habitantes.
- 71 De um lado, portanto, as mobilidades abrem novas perspectivas para um entendimento mais dinâmico e participativo das celebrações religiosas, a partir da compreensão das práticas e significados daqueles que as vivem, das interações com outros agentes e elementos da cidade e de suas extensões no espaço-tempo. De outro, essas celebrações móveis que acontecem por espaços públicos trazem à discussão novos agentes da mobilidade urbana, pessoas que já fazem o que fazem há muito tempo e estabelecem dinâmicas que são constitutivas da configuração de bairros, regiões e cidades.
- 72 Em outras palavras, poderíamos dizer que as mobilidades permitem visualizar rotinas e continuidades nas celebrações religiosas onde costumeiramente apenas se enxerga o extra-cotidiano. Ao mesmo tempo, as celebrações religiosas permitem trazer para a cidade sentidos diferenciados onde comumente se vê apenas homogeneidade. Para além do ritual, rotina. Para além da rotina, ritual.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ADEY, Peter. 2006. "If Mobility is Everything Then it is Nothing: Towards a Relational Politics of (Im)mobilities". *Mobilities* v.1 n.1: 75-94.
- ARQUIVO Público da Cidade de Belo Horizonte. 2008. Histórias de bairros de Belo Horizonte. Regional Noroeste. Belo Horizonte: APCBH/ACAP-BH.
- BITTER, Daniel. 2008. A Bandeira e a Máscara: a circulação de objetos rituais nas folias de reis. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Ciências Humanas, UFRJ.
- BONESSO, Mário. 2006. Encontro de Bandeiras: o ciclo festivo do Triângulo Mineiro. São Carlos: Dissertação de Mestrado em Antropologia, UFSCar.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1977. A Folia de Reis de Mossâmedes. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte-FUNARTE/Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1981. Sacerdotes de Viola. Rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis: Vozes.
- CERTEAU, Michel de. 1998. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes.

- CHAVES, Wagner Neves Diniz. 2009. *A bandeira é o santo e o santo não é a bandeira: práticas e presentificação do santo nas folias de reis e de São José*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Antropologia Social, MN/UFRJ.
- CHAVES, Wagner Neves Diniz. 2014. "Canto, voz e presença: uma análise do poder da palavra cantada nas folias norte-mineiras". *Mana* v.20 n.2: 249-280.
- CONLIN, Jonathan. 2015. *Histórias de Duas Cidades*. Paris, Londres e o nascimento da cidade moderna. Belo Horizonte: Autêntica.
- CORDEIRO, Graça Índias. 2003. "A antropologia urbana entre a tradição e a prática". In: G. I. Cordeiro; L. V. Baptista; A. F. Costa (orgs.), *Etnografias urbanas*. Oeiras: Celta Ed. pp. 3-32.
- CRESSWELL, Tim. 2011. "Mobilities I: Catching up". *Progress in Human Geography* n.35: 550-558.
- CRESSWELL, Tim. 2006. *On the move. Mobilities in the modern western world*. New York: Routledge.
- GANS, Herbert J. 2002. "The sociology of space: a use-centered view". *City & Community* v.1 n.4: 329-339.
- GONZÁLEZ, Rúben Camilo Lois; FERNÁNDEZ, Belén María Castro; LOPEZ, Lucrezia. 2015. "From Sacred Place to Monumental Space: Mobility Along the Way to St. James". *Mobilities* v.11 n.5: 770-788.
- GUSFIELD, Joseph. 2014. *La cultura de los problemas públicos: el mito del conductor alcoholizado versus la sociedad inocente*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno editores.
- HARVEY, David. 1980. "Processos Sociais e Forma Espacial: (1) Os Problemas Conceituais do Planejamento Urbano". In: HARVEY, David. *A Justiça Social e a Cidade*. São Paulo: Hucitec. pp. 13-37.
- HOWITT, Richard. 2007. "Scale". In: J. Agnew; K. Mitchell; G. Toal (eds.), *A Companion to Political Geography*. Malden: Blackwell Publishing. pp. 138-157.
- INSTITUTO Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. 2017. *Dossiê para registro das Folias de Minas do estado de Minas Gerais*. Belo Horizonte: IEPHA/MG.
- JIRÓN, Paola. 2010. "Mobile Borders in Urban Daily Mobility Practices in Santiago de Chile". *International Political Sociology* v.4: 66-79.
- JIRÓN, Paola. 2011. "On becoming 'la sombra/the shadow'". In: M. Büscher; P. Urry; K. Witchger (eds.), *Mobile Methods*. London: Routledge. pp. 36-56.
- JIRÓN, Paola; ITURRA Luis. 2011. "Momentos móviles. Los lugares móviles y la nueva construcción del espacio público". *Arquitecturas del Sur* v.39: 44-57.
- KAUFMANN, Vincent. 2014. "Mobility as a Tool for Sociology". *Sociologica*, v.1: 1-17.
- KITIARSA, Pattana. 2010. "Buddha-izing a Global City-State: Transnational Religious, Mobilities, Spiritual Marketplace, and Thai Migrant Monks in Singapore". *Mobilities* v.5 n.2: 257-275.
- LEVITT, Peggy; LUCKEN, Kristen; BARNETT, Melissa. 2011. "Beyond Home and Return: Negotiating Religious Identity across Time and Space through the Prism of the American Experience". *Mobilities* v.6 n.4: 467-482.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2002. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* v.17 n.49: 11-29.
- MASSEY, Doreen; KEYNES, Milton. 2004. "Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações". *GEOgraphia* v.6 n.12: 7-23.

- PEIRANO, Mariza. 2014. "Etnografia não é método". *Horizontes Antropológicos* v.20 n.42: 377-391.
- PEREIRA, Luzimar Paulo. 2014. "O giro dos outros: fundamentos e sistemas nas folias de Urucuia, Minas Gerais". *Mana* v.20 n.3: 545-573.
- REZENDE, Claudia Barcellos. 2002. *Os significados da amizade. Duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- SHELLER, Mimi; URRY, John. 2006. "The new mobilities paradigm". *Environment and Planning A* v.38: 207-226.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. 1996. "As esquinas sagradas: candomblé e o uso religioso da cidade". In: J. G. Magnani; L. Torres (orgs.), *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp. pp. 88-123.
- SIMMEL, Georg. 2005. "As grandes cidades e a vida do espírito (1903)". *Mana* v.11 n.2: 577-591.
- SPINNEY, Justin. 2011. "A chance to catch a breath: Using mobile video ethnography in cycling research". *Mobilities* v.6 n.2: 161-182.
- VELHO, Gilberto; MACHADO, Luiz Antônio. 1977. "Organização social do meio urbano". *Anuário Antropológico* n.76: 71-82.

## NOTAS

1. A folia de Dona Guidinha é publicamente conhecida nos circuitos belorizontinos da cultura popular. Recorrentemente, seus integrantes participam de eventos e são acompanhados por jornais, emissoras de rádio e televisão. O grupo também conta com uma página no Facebook para divulgação de seus eventos. Além disso, esse nome é uma homenagem à fundadora da folia, mãe da atual mestra. Figura feminina de referência na história do grupo e nas relações de parentesco e amizade que unem seus membros, dona Guidinha sempre é lembrada nos momentos de celebração. Assim, optei por manter o nome verídico da folia. Aos demais integrantes apresentados a partir daqui, no entanto, atribuí pseudônimos.
2. As folias também recebem outros nomes como companhias, ternos, embaixadas e reisados. Comumente se encontram, além de Santos Reis, grupos em devoção a São Sebastião, Divino Espírito Santo, São José, Bom Jesus, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Rosário, entre outros.
3. O processo de registro das folias contou com a produção e monitoramento de um questionário em plataforma virtual onde mais de 1.200 grupos de folia de todas as regiões do estado participaram, de maneira independente ou em parceria com as prefeituras municipais. O Cadastro das Folias de Minas pode ser encontrado para download no site do IEPHA/MG: <[www.iepha.mg.gov.br](http://www.iepha.mg.gov.br)>. A plataforma segue disponível para cadastro no site e seu monitoramento contínuo compõe uma das ações de salvaguarda.
4. A virada da mobilidade contou com muitos precursores e está inserida em um cenário de transformação de uma geografia dos transportes. Para uma revisão mais detalhada dessa caminhada teórica e metodológica, ver Cresswell (2011) e Jirón (2011).
5. O debate sobre escalas é atravessado por muitas versões e controvérsias na geografia. Quando penso aqui em escalas, estou alinhado à posição de Howitt (2007), quem busca refutar a ideia de hierarquia entre escalas, em prol de reconhecê-las como múltiplas, interpenetrantes e simultâneas. Escalas não dizem respeito apenas a tamanho e nível, como também a *relação*. Para um balanço da discussão, ver Howitt (2007).

6. Estudos vêm sendo desenvolvidos na tentativa de investigar como as experiências de mobilidade são influenciadas por marcadores como gênero, idade, raça/cor, renda, condições físicas, entre outros. Ver, por exemplo, Jirón (2010) e Cresswell (2011).
7. Revisões detalhadas da bibliografia já foram extensamente produzidas no campo dos estudos das folias e foge ao escopo do trabalho reproduzi-las. A sucinta apresentação que segue pretende apenas localizar autores relevantes na constituição da temática, os quais o/a leitor/a pode consultar para balanços consistentes.
8. A existência das calçadas em Londres, ao contrário de Paris, por exemplo, não apenas convidava as pessoas a andarem pelas ruas, como fisicamente permitia que o fizessem sem o risco de serem atropeladas. As possibilidades abertas por esses elementos da infraestrutura urbana terminaram por impulsionar a transformação do ato de caminhar em uma atividade em si mesma, ação até então encarada com estranhamento ou desprezo por aqueles que tinham o privilégio de andar em carruagens (Conlin 2015).
9. Percebi, contudo, que os participantes da folia mobilizavam deliberadamente em seus discursos esses divisores entre cidade grande/cidade do interior e modernidade/tradição nos momentos em que desejavam localizar suas raízes no Norte de Minas. Esse movimento justificava o uso de elementos *modernos*, como os carros, pois mesmo fazendo folia na *cidade grande*, suas origens estavam no *interior*, e, portanto, vinham de tradição *nata*. Pretendo tratar dessas relações em outro trabalho.
10. No quadro interpretativo de Magnani (2002), o pedaço seria um território física e socialmente demarcado pela rede de relações que seus frequentadores ali produzem e que seria para aqueles um ponto de referência que materializa um sentimento de pertencimento. A mancha, por outro lado, seria uma área contígua do espaço urbano que centraliza equipamentos que informam atividades específicas e atraem indivíduos diversos, sem laços estreitos uns com os outros, que buscam esses espaços pelas suas finalidades. O que encontrei na folia não foi nem o pedaço circunscrito, nem a mancha anônima, foi algo outro. O autor trata também da noção de circuito, como “uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais” (Magnani 2002:23), mas me parece que o circuito implica ainda em relações mais ou menos estabilizadas, ou formalmente institucionalizadas, que a meu ver não abrangem as dinâmicas da folia.

---

## RESUMOS

A partir das experiências de mobilidade em uma folia de reis de Belo Horizonte/MG, o presente estudo investiga as relações e dinâmicas que atravessam a realização da folia pelos espaços da cidade. Tomando a virada da mobilidade como pano de fundo teórico-metodológico, apresenta como as relações dos foliões uns com os outros, com outros agentes e com a materialidade das ruas operam na definição dos itinerários, trajetos e movimentos nessa celebração. Esse trabalho pretende contribuir para as discussões contemporâneas sobre as cidades, apresentando as potencialidades dos estudos de mobilidade na compreensão dos fenômenos urbanos, dentre eles as celebrações religiosas que acontecem no espaço público.

From the experiences of mobility in a *folia de reis* in Belo Horizonte/Brazil, the present study investigates the relations and dynamics that permeate the realization of the *folia* through urban

spaces. Taking the mobility turn as a theoretical-methodological background, it presents how the *foliões*' interactions with each other, with other agents and with the materiality of streets operate in the definition of itineraries, paths and movements in this celebration. This paper aims to contribute to the contemporary debates about the cities, presenting the potential of mobility studies in the understanding of urban phenomena, including religious celebrations that take place in public space.

## ÍNDICE

**Keywords:** folia de reis, mobilities, religious celebrations, city, mobility turn

**Palavras-chave:** folia de reis, mobilidades, celebrações religiosas, cidade, virada da mobilidade

## AUTOR

**GUILHERME EUGÊNIO**

guilherme.gem@gmail.com

Mestrando em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

Pesquisador do Centro de Estudos Urbanos da Universidade Federal de Minas Gerais (CEURB/  
UFMG)